

PROJETO APRENDER MAIS: ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA DIFERENTES NÍVEIS DE LEITURA E ESCRITA

Lilia Rodrigues de Mira Sola¹
Cássia Aparecida da Silva Monfré²
Emilly Eduarda Pugin de Amorim Ferreira³
Selma Cristina Leandro⁴
Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar⁵

RESUMO

O presente relato refere-se a vivência de três residentes do programa residência pedagógica - núcleo alfabetização, e tem como objetivo apresentar o projeto “Aprender Mais”, desenvolvido por 3 professoras regentes de uma escola municipal do noroeste do Paraná, o qual foi idealizado com intuito de minimizar as lacunas no processo de aquisição de escrita de alunos matriculados no segundo ano do ensino fundamental I, uma vez que os alunos encontram-se, de acordo com as hipóteses de escrita, em níveis muito discrepantes. O projeto iniciou no mês de julho do corrente ano, com encontros para intervenção na escrita uma vez por semana durante 4 horas/aula. Para análise dos resultados nos amparamos nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural. O projeto encontra-se em andamento, mas a expectativa é que os alunos tenham uma melhora em seu desenvolvimento educacional, mesmo que nem todos atinjam o esperado, acreditamos que irão avançar no processo de apropriação da língua escrita.

Palavras-chave: Relato de experiência; Alfabetização, Níveis de escrita, Projeto aprender mais.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar o projeto "Aprender Mais", que foi idealizado pela diretora de uma escola municipal do noroeste do Paraná e desenvolvido por três (3) professoras regentes de três (3) segundos anos do ensino fundamental I, como estratégia de ensino para os alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita.

O projeto foi pensado e idealizado mediante algumas indagações que se fizeram presentes no decorrer das aulas, sobre “como minimizar as lacunas presentes no processo de

¹ Lilia Rodrigues de Mira Sola, Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá -PR, ra64292@uem.br

² Cássia Aparecida da Silva Monfré, Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – PR, ra105276@uem.br;

³ Emilly Eduarda Pugin de Amorim Ferreira Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - PR, ra119280@uem.br;

⁴ Preceptora Selma Cristina Encarnação Leandro, Diretora da Escola Municipal Dr. Helenton Borba Cortes em Maringá - PR, selmaleandro2903@gmail.com ;

⁵ Professora orientadora: Doutora Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, Universidade Estadual de Maringá - PR, garalencar@uem.br.

aquisição de leitura e escrita de alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I?" e "Quais os procedimentos metodológicos devem e podem ser adotados?"

O projeto de ensino foi implementado, após a direção da escola observar, que nestas turmas haviam estudantes cuja escrita demonstravam características diversas, o que dificultava acompanhar simultaneamente os alunos que se encontram nos níveis silábicos sem valor sonoro e com valores sonoros e, os que já se encontravam silábicos alfabéticos e alfabéticos. Sabemos que, de acordo com as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), durante o processo de alfabetização é comum o aluno passar por diversos níveis de escrita, mas nesse caso em específico, havia uma preocupação para que esses alunos não fossem para o terceiro ano do ensino fundamental I, sem a base necessária.

Assim, nesse texto, apresentaremos num primeiro momento as bases científicas que versam sobre alfabetização e letramento, o percurso metodológico de como foi pensado o projeto "Aprender Mais", em seguida a prática pedagógica aplicada (resultados) e, por fim, as considerações finais.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ALGUNS APONTAMENTOS

A alfabetização é um processo essencial para o desenvolvimento educacional, cognitivo e social do aluno, visto que fornece subsídios para a leitura e escrita. Mesmo a alfabetização diferenciando-se do letramento, possuem igual importância na formação moral e social desse sujeito. Como discursa Kleiman (2005, p.11), “o letramento não é alfabetização, mas a inclui! Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados”.

De acordo com Soares (2010), a reflexão sobre a alfabetização e letramento nos revela a necessidade de articular esses dois termos na prática da alfabetização.

Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (Soares, 2010, p.16)

Para a autora, alfabetizar corresponde ao processo de aquisição de uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades para utilizá-la, tanto para ler quanto para escrever. Já o letramento está relacionado ao exercício efetivo da tecnologia da linguagem escrita, dessa forma, o trabalho educativo realizado nas escolas considera a proposta da alfabetização, que o ensino do código está ligado com a prática social de utilização da escrita.

[...] Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (Soares, 1998, p. 33)

Alfabetizar é sempre um desafio, sobretudo quando consideramos os diferentes contextos históricos vivenciados pelos estudantes, bem como, as mediações às quais são expostos. Esse desafio, considerando o cenário descrito nesse relato, se acentuou ainda mais com o final da pandemia resultante do coronavírus (Alencar *et al*, 2021).

Durante esse período houve a necessidade de não frequentar a escola presencialmente, as aulas remotas afetaram não só o processo ensino e aprendizagem dos estudantes ocasionando atrasos e dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita, mas também interferiu na rotina familiar que passou a assumir “exclusivamente” a responsabilidade de ensinar seus alunos, tarefa que antes era dividida ou designada à escola .

As novas alternativas metodológicas na educação, para amenizar os impactos que a pandemia de COVID19, devem considerar possíveis parcerias com as famílias. É necessário orientar o aluno e os seus responsáveis, pois são eles que auxiliarão as crianças nas tarefas escolares remotas, em seus lares. Já o papel da tecnologia digital é de mediar pedagogicamente o conhecimento e aprendizagem. (Farias e Giordano, 2020, p. 63).

A esse respeito, concordamos com a abordagem sócio histórica, que tem como principal precursor Vygotsky (1989), que parte do pressuposto de que há uma íntima relação entre o biológico e o social, enfatizando a origem social do desenvolvimento pessoal, entendendo dessa maneira que os processos sociais são internalizados, e apropriados através das funções mentais, sendo assim, embasa e torna evidente a lacuna causada pelo isolamento social das crianças durante um longo período, pois,

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vygotsky, 1989, p. 33).

Nesse aspecto, de acordo com Vygotsky, o aprendizado começa muito antes da entrada da criança na escola, e esse conhecimento prepara-a para aquisição de conhecimentos científicos, ou seja, o aprendizado escolar, que produz algo novo no desenvolvimento infantil. Durante o processo de aprendizagem existe a necessidade da intervenção sistematizada de um profissional alfabetizador, ele é quem mediará a criança entre o nível de desenvolvimento real

ao nível de desenvolvimento potencial, pois é com auxílio e mediação de outro indivíduo mais experiente, que facilitará o processo de aprendizagem, uma vez que se configura na

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. [...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadureceram, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. (Vygotsky, 1999, p.112-113)

Diante do exposto, o professor deve visar a intervenção na zona de desenvolvimento potencial do aluno, visto que o ensino escolar não só é resultante do desenvolvimento mental, como também é desencadeado por vários processos, que não ocorreriam espontaneamente. Portanto, pensar em estratégias que visem a recuperação da aprendizagem, sendo a alfabetização o foco das atenções, o que se observa é que a demanda diária por nível de conhecimento é crescente, e exige uma grande capacitação do professor.

A partir dessa premissa, apoiamo-nos nos estudos de Emília Ferreiro para entendermos quais hipóteses os alunos apresentam sobre a escrita. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985) as hipóteses e/ou níveis de escrita são: pré-silábico, silábico (sem valor sonoro e com valor sonoro), silábico alfabético e alfabético.

Por nível pré-silábico as autoras afirmam ser o princípio da apropriação da escrita, embora ainda primitiva. O aluno guia esse processo de acordo com o mundo tal qual ele conhece, faz desenhos, rabiscos, letras aleatórias e quaisquer outros sinais gráficos que ele conheça para representar as palavras escritas. Pode também relacionar o tamanho ao significado concreto da palavra com a quantidade de letras, e em um segundo momento, quando se apropria melhor da escrita do nome próprio, pode acontecer que ele mantenha um repertório fixo das letras, utilizando apenas as que compõe o seu nome, dessa forma, as utiliza para escrever de seu jeito outras palavras.

O nível silábico, por sua vez, acontece quando o aluno consegue estabelecer a relação entre a fala e o registro dos sons. Ferreiro e Teberosky (1985) dão ênfase e estabelecem um salto na alfabetização do nível pré-silábico para o silábico, uma vez que:

A mudança qualitativa consiste em que: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre forma escrita e a expressão oral (recorte silábico do nome); mas, além disso, b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala. (Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 193)

Dentro do nível silábico existem subníveis, sendo eles: silábico sem valor sonoro e silábico com valor sonoro. No silábico sem valor sonoro o aluno dá início a compreensão da

consciência silábica, escreve uma letra para representar cada sílaba, mas ainda não faz reconhecimento do valor sonoro existente, ou seja, utiliza aleatoriamente as letras para representar cada sílaba. Já no silábico com valor sonoro observa-se o início da consciência sonora para representar as sílabas, utiliza letras com sons correspondentes, por exemplo: Camiseta, o aluno irá destacar as vogais (A = CA, I = MI, E = SE, A = TA), ou que exibem familiaridade sonora, por exemplo, utilizando a letra H para representar o som de GA, utilizar a letra K, para representar o som da sílaba CA).

O próximo nível apresentado é o silábico alfabético, onde o aluno está em transição para o nível alfabético. Pode variar utilizando apenas uma letra demonstrando valor sonoro para representar a sílaba ou escrever a sílaba completa em uma mesma palavra. A maior dificuldade encontrada nesse nível é com as sílabas canônicas representadas por consoante + consoante + vogal, por exemplo: Brigadeiro = Biadero.

Ao passar por todos esses níveis, o aluno consegue obter uma maior compreensão da relação entre fala e escrita, e atinge o nível alfabético, onde compreende o sistema de escrita, produz escritas alfabéticas utilizando as convenções ortográficas da língua.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985), as grandes e rápidas mudanças sociais, assim como as diferenças entre as classes sociais impactam atrasos no processo de ensino aprendizagem devido a fatores externos.

[...] A influência do fator social está em relação direta com o contato com o objeto cultural “escrita”. É evidente que a presença de livros, escritores e leitores é maior na classe média do que na classe baixa. Também é claro que quase todas as crianças de classe média frequentam jardins de infância, enquanto as provenientes de classes sociais mais desfavorecidas possuem menos oportunidades de se questionar e pensar sobre o escrito. Se reunirmos todos os fatores de incidência negativa – nível de conceitualização, metodologias e classe social – as probabilidades de – obter êxito na aprendizagem da língua escrita são, obviamente, muito poucas. (Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 105)

Fundamentado nesses pressupostos, o projeto “Aprender Mais” se mostra como parte do processo construtivo de aprendizagem, visto que ele auxiliará o aluno em suas lacunas, dificuldades e anseios, para uma efetiva aquisição de leitura e escrita.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esse relato foi elaborado a partir da perspectiva de três (3) residentes que participam do programa Residência Pedagógica – núcleo alfabetização, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no estado do Paraná.

O cenário aqui descrito refere-se a dinâmicas vivenciadas em três turmas do segundo ano do ensino fundamental, composta por 25 estudantes e uma professora regente.

A escola em questão, tem uma preocupação com os índices insatisfatórios de alfabetização que as três (3) turmas de segundo ano apresentaram. Diante disso, a direção junto com a equipe pedagógica, propuseram o projeto “Aprender Mais”, com intuito de minimizar as lacunas do processo de aquisição da leitura e escrita. Assim sendo, uma vez por semana, durante 4 horas, as três turmas são separadas, de acordo com os níveis de escrita apresentados na sondagem de escrita segundo Emília Ferreiro, para atividades melhor direcionadas às suas necessidades. A turma um (1) contempla os alunos que estão no nível pré-silábico “com” e “sem” valor sonoro tendo a professora Bebel⁶ como responsável e o acompanhamento de uma residente aqui denominada de “R1”. A turma dois (2) contempla os alunos do nível silábico alfabético, que ficou sob a responsabilidade da professora Juju⁷ e uma residente como auxiliar, denominada “R2” e, pôr fim a turma três (3), que são os alunos do nível alfabético, ficando sob a responsabilidade da professora Rôro⁸ e a residente “R3”. As professoras citadas, trabalham atividades de aquisição da leitura e escrita voltadas para o nível de cada grupo, tendo em vista sempre um melhor aproveitamento por parte dos alunos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA APLICADA - RESULTADOS

No projeto “Aprender mais”, as professoras utilizam como base o mesmo texto, o que diferencia é que cada professora desenvolve as atividades com seus alunos de acordo com o nível de escrita em que eles estão. A seguir algumas imagens com as atividades dos alunos de cada nível.

Figura 1- O texto mediador das atividades para os três grupos



⁶ Nome fictício para garantirmos o anonimato da professora.

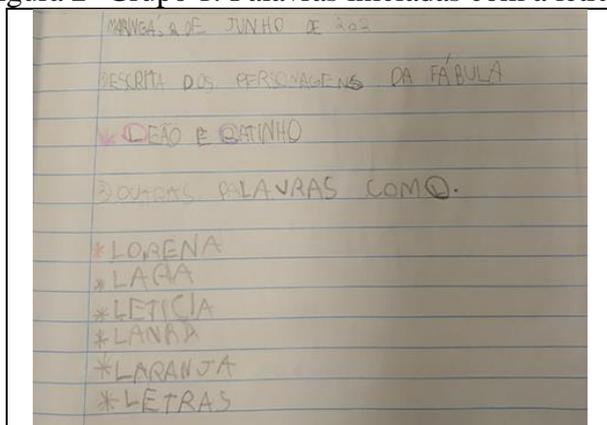
⁷ Nome fictício para garantirmos o anonimato da professora.

⁸ Nome fictício para garantirmos o anonimato da professora.

Fonte: arquivo das autoras.

Na figura 2, ilustramos uma atividade desenvolvida com o grupo 1, os quais foram orientados a escreverem palavras que iniciassem com a letra L. Conforme eles iam falando a professora registrava no quadro e os alunos transcreviam no caderno.

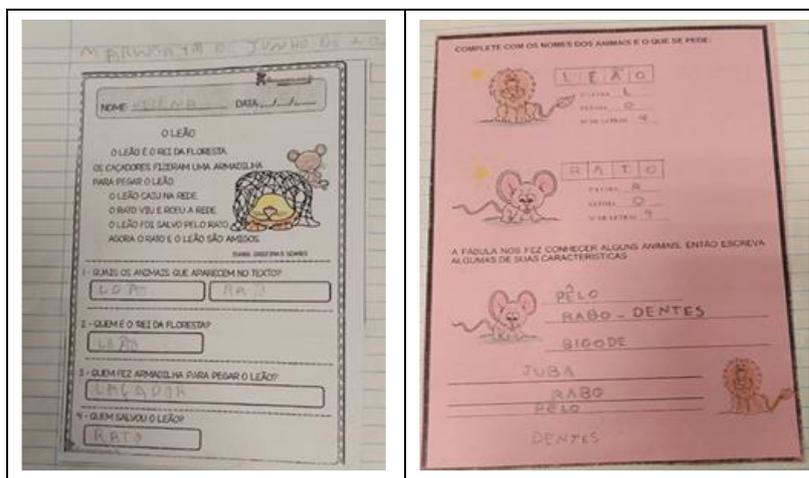
Figura 2- Grupo 1: Palavras iniciadas com a letra L



Fonte: arquivo das autoras.

Outra atividade desenvolvida com esse grupo, ilustrada na figura 3, refere-se uma interpretação a partir do texto lido por eles, em que identificavam quem eram as personagens principais e suas características e as letras iniciais e finais dos nomes dos animais, bem como a quantidade de letras de cada nome.

Figura 3- grupo 1: interpretação do texto e atividades

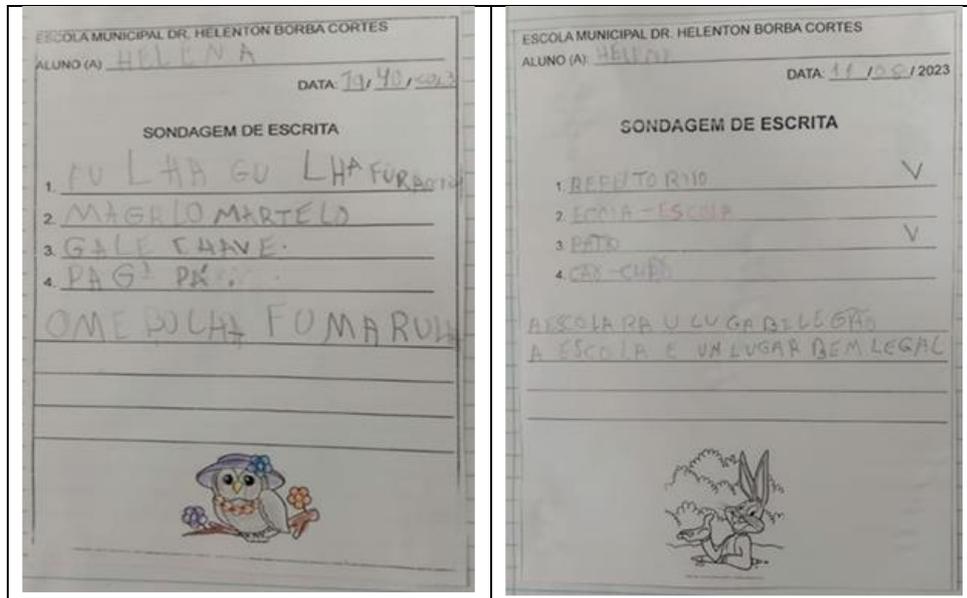


Fonte: arquivo das autoras.

Na figura 4, ilustra as sondagens aplicadas antes do projeto e depois de um mês do início do projeto, para identificar como o nível de escrita dos alunos. Percebemos que das palavras ditadas, a aluna não conseguia identificar os fonemas de cada palavra, apenas colocava uma letra para cada sílaba, na frase ela compreendia que existiam espaços de uma palavra para outra. Na segunda sondagem, realizada após o início do projeto constatamos que a aluna já

compreende as palavras formadas por 4 sílabas e 2 sílabas e na elaboração da frase a escrita passa a ter mais sentido, o que não acontecia na sondagem feita antes.

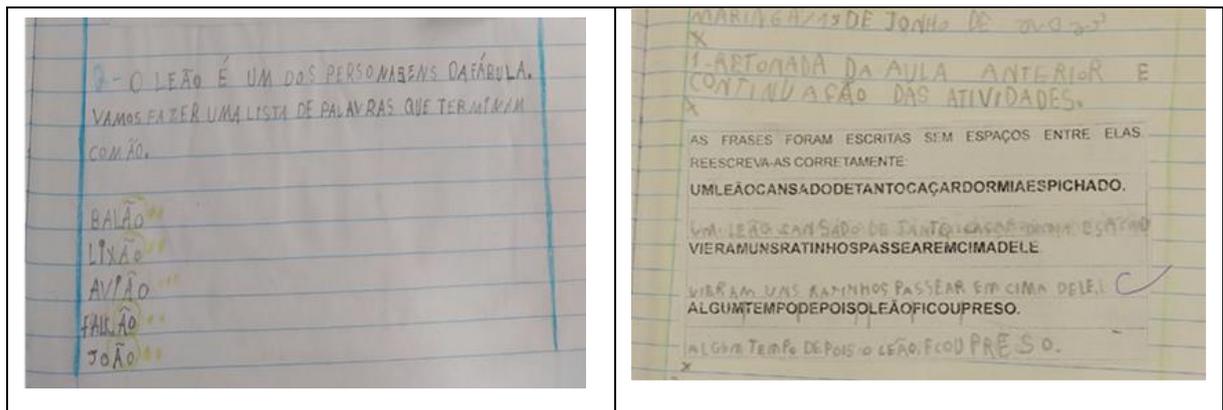
Figura 4- Grupo 1: Sondagem da escrita em dois momentos



Fonte: arquivo das autoras

Para o grupo dois, a partir da leitura do texto mediador (fig.1), foi proposto que fizessem uma lista de palavras que terminassem com ão, as escrevessem no caderno e para cada sílaba foi solicitado que pintassem uma bolinha. Na figura 6, foi proposto aos alunos que reescrevessem as frases retiradas do texto, identificando os espaços existentes entre as palavras.

Figura 5 e 6: grupo 2: Atividades com terminação em “ÃO” e espaços entre palavras

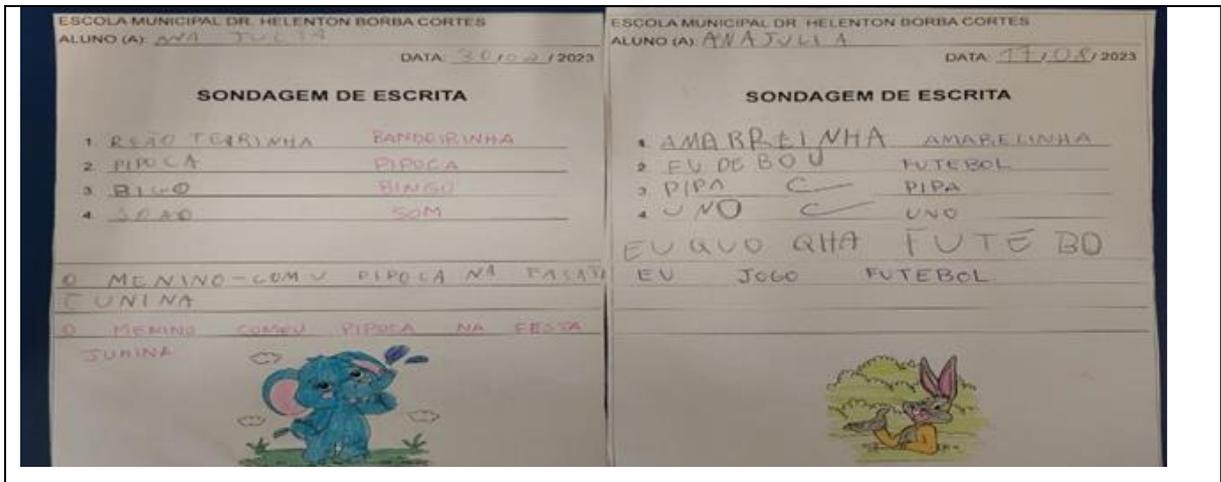


Fonte: arquivo das autoras

Na figura 7 a professora aplicou uma sondagem escrita, para identificar como estava o nível de escrita dos alunos, percebemos que o aluno compreendeu as palavras que foram ditadas, na segunda palavra ele realiza a troca da letra H pela letra I. Na escrita da frase ele já consegue identificar os espaços entre as palavras, e acrescenta nas palavras mais letras, isso é porque ele ainda não domina a regra ortográfica.



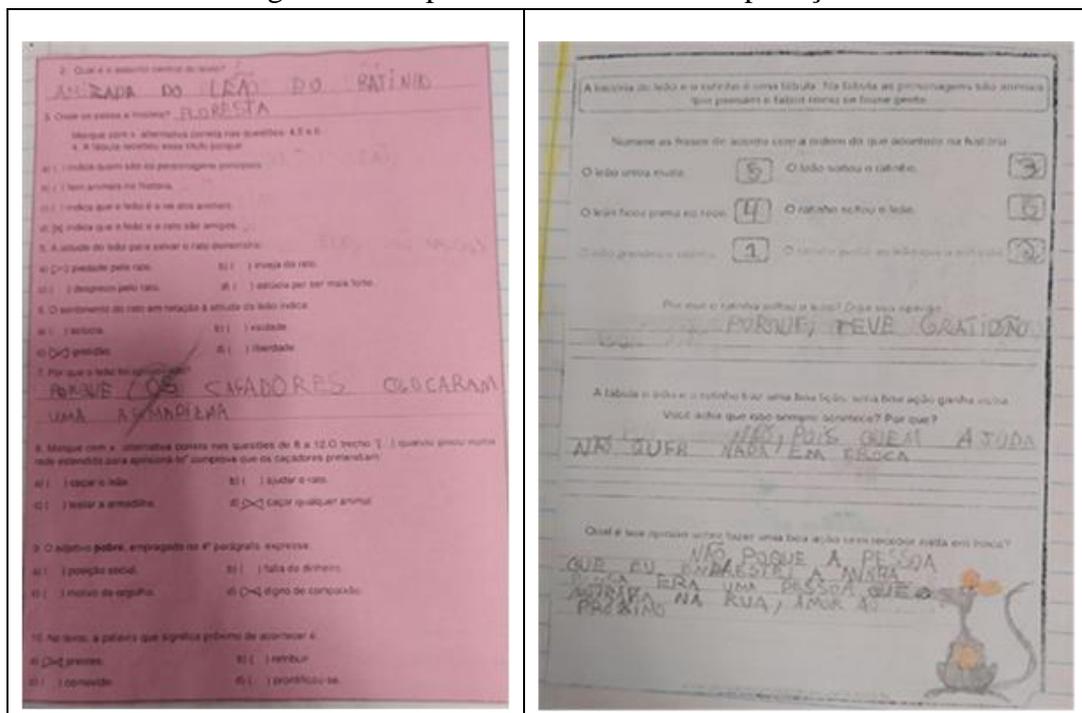
Figura 7- grupo 2: Sondagem da escrita em dois momentos



Fonte: arquivo das autoras

Para o grupo 3 foi proposto aos alunos, a partir do texto mediador, atividades de interpretação, onde eles tinham que assinalar um X na resposta correta, além de questões onde tinham que escrever expressando a opinião, conforme ilustrado na figura 8.

Figura 8 - Grupo 3: Atividades de interpretação



Fonte: arquivo das autoras

Na figura 9, foi proposto aos alunos uma sondagem escrita com frases. Foi solicitado que em cada uma das imagens os alunos escrevessem uma frase. Percebemos que o aluno consegue elaborar frases e que ele já está se apropriando da regra ortográfica.



Figura 9 - Grupo 3: Sondagem com frases



Fonte: arquivo das autoras

A partir das atividades apresentadas é possível constatar na sondagem realizada com alunos do grupo 1 (figura 4), realizada antes de iniciar o projeto que a aluna estava no nível pré-silábico sem valor sonoro, e na sondagem realizada no mês de agosto, ela já conseguiu ter um salto significativo, avançando para o nível silábico alfabético.

A aluna do grupo 2 (figura 7), o avanço deu-se na percepção de falta de letras nas palavras para formar o fonema correto da sílaba. E os alunos do grupo 3, o avanço foi a partir da sondagem escrita com frases, o qual verificou-se uma interpretação mais elaborada em relação a imagem, principalmente na primeira, que podemos observar um pequeno texto. (figura 9).

Conforme destaca Soares (2006), alfabetizar significa adquirir habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita. Entendemos que a alfabetização possibilita a inserção da criança no mundo da cultura escrita. O intuito é atender todos os alunos, de maneira igualitária, oferecendo a oportunidade de os alunos ampliarem os seus conhecimentos, e se apropriarem do sistema de escrita alfabética e suas convenções.

Ao final do projeto a expectativa é que os alunos tenham uma melhora em seu desenvolvimento educacional. Compreendemos que nem todos os alunos irão atingir o esperado, no entanto estarão diferentes de quando começou o projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convivemos em uma sociedade letrada, nas quais estão inseridas as práticas sociais de leitura e escrita, e dentre essas práticas a criança possui uma vivência com ambas. Para que a criança se aproprie desse conhecimento ela precisa buscar compreender como funciona a língua escrita e compreender seu sistema, construir hipóteses sobre ele.

Assim sendo, sabemos que o contato da criança com a linguagem escrita começa em suas iniciativas de tentar entender o universo letrado que a cerca, antes mesmo de adentrar na instituição escolar.

Nesse sentido, a criança quando ainda não alfabetizada ela realiza o agrupamento de algumas letras de formas aleatórias e relata que está escrevendo, esta já compreende o que é escrita e que ela é constituída por sinais gráficos, inclusive não tendo conhecimento que tais sinais dispõem de uma ordem de colocação e significação. Portanto cabe ao professor alfabetizador conhecer qual a nível de escrita que a turma se encontra, para assim elaborar atividades que facilitem o processo de aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, pretendemos que o projeto “Aprender Mais” preencha essas lacunas presentes durante todo o processo de aquisição da leitura e escrita destes alunos.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Mirian Zuqueto; GIORDANO, Cassio Cristiano. **Educação em tempos de pandemia de COVID19: Adaptação ao ensino remoto para crianças e adolescentes.v.44.** Tecnologias Organização: Editora Poisson. Belo Horizonte–MG, 2020. p. 63

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1985. p. 105-193

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas - SP, 2005. p. 11

SOARES, Magda. **Letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 33

SOARES, Magda. **A entrada da criança no mundo da escrita: o papel da escola.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais. Curitiba: Seed-PR, 2010. p. 16

ALENCAR, Gizele Aparecida Ribeiro de et al. **Educação especial inclusiva - ações (IM) perfeitas em tempos de Pandemia.** In: OLIVEIRA, Patrícia de; VOLPIN, Gizele Beatriz Camilo (org.). Formação e atuação docente frente ao "novo normal": reflexões, desafios e perspectivas em tempos de Pandemia. 1ª ed. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021. E-book.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 105-113

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 33